

**JAQUELINE FONSECA RODRIGUES
(ORGANIZADORA)**

ELEMENTOS DA ECONOMIA 2

Jaqueline Fonseca Rodrigues

(Organizadora)

Elementos da Economia 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E38	Elementos da economia 2 / Organizadora Jaqueline Fonseca Rodrigues. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Elementos da Economia; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-319-4 DOI 10.22533/at.ed.194191405 1. Economia. 2. Economia – Política e governo. I. Rodrigues, Jaqueline Fonseca. II. Série. CDD 330.2
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A edição do volume 1 – **Elementos da Economia 2** traz em sua essência o entendimento da economia e a familiarização com os termos envolvidos na área de economia.

Pode-se enfatizar que a **Economia** faz parte das ciências sociais que estudam fenômenos que ocorrem na esfera da estrutura econômica, ou em outras esferas que terminam por afetar a estrutura econômica.

A economia é considerada uma **ciência social** porque a **ciência social** estuda a organização e o funcionamento das sociedades assim, pode-se dizer que a **Ciências Econômicas** ocupam-se do comportamento humano, e estudam como as pessoas e as organizações na sociedade se empenham na produção, troca e consumo dos bens e serviços.

O surgimento de “**falhas de mercado**” pode ocorrer devido ao fato de os agentes econômicos envolvidos não contabilizarem os impactos sociais das escolhas econômicas efetuadas, normalmente derivadas de decisões políticas provenientes de estudos econômicos. Através do vasto estudo econômico as políticas micro e macroeconômicas tendem a inserirem outras partes do complexo contexto social, os quais não foram inseridos em momentos decisórios da formulação e aplicação de estas.

Nota-se a elevada importância da inclusão de temas que englobem aspectos sociais e setor público, visando a constituição de uma sociedade que possa promover justiça, igualdade, que seja bem-sucedida e desta maneira, organizada.

Conforme os contextos exibidos, o objetivo deste livro é a condensação de formidáveis pesquisas envolvendo a esfera social e o setor público de modo conjunto através de instrumentos que os estudos econômicos propiciam.

O principal destaque dos artigos é uma abordagem de Elementos da Economia, através da apresentação de sistemas de informação em saúde, agricultura familiar, acordos comerciais, análises financeiras, mercado de trabalho, os quais destacam as aplicações práticas e metodológicas, além da contribuição para que se interprete as relações econômicas, sociais e de cunho político.

A preferência pela escolha efetuada inclui as mais diversas regiões do país e aborda tanto questões de regionalidade quanto fatores de desigualdade promovidas pelo setor econômico brasileiro.

Necessita-se destacar que os locais escolhidos para as pesquisas exibidas, são os mais variados, o que promove uma ótica diferenciada na visão da ciência econômica, ampliando os conhecimentos acerca dos assuntos apresentados. A relevância ainda se estende na abordagem de proposições inerentes ao Desenvolvimento Regional e Territorial; Gestão da Produção e Inovação, envolvendo Agroecologia, apresentando questões relativas à sociedade e ao setor público.

Enfim, esta coletânea visa colaborar imensamente com os estudos Econômicos,

Sociais e de Políticas Públicas, referentes ao já destacado acima.

Não resta dúvidas que o leitor terá em mãos respeitáveis referenciais para pesquisas, estudos e identificação de cenários econômicos através de autores de renome na área científica, que podem contribuir com o tema. Além disso, poderá identificar esses conceitos em situações cotidianas e num contexto profissional.

Jaqueline Fonseca Rodrigues
Mestre em Engenharia de Produção pelo PPGEP/UTFPR

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A INTEROPERABILIDADE DOS SISTEMAS DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE COMO PROPOSTA DE INOVAÇÃO EM SAÚDE	
Flávia Emília Cavalcante Valença Fernandes Rosana Alves de Melo Saulo Bezerra Xavier Ana Lúgia Passos Meira Jobson Maurilio Alves dos Santos Maria Grasiela Alves de Figueiredo Lima Roseane da Silva Lemos	
DOI 10.22533/at.ed.1941914051	
CAPÍTULO 2	9
A PERCEPÇÃO DOS MORADORES DAS CIDADES DE PETROLINA-PE E JUAZEIRO-BA ACERCA DA AGRICULTURA FAMILIAR DO VALE DO SÃO FRANCISCO	
Murilo Campos Rocha Lima Renata Marques de Menezes Mota Fernanda Quintanilha da Silva Andréia Cipriano de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.1941914052	
CAPÍTULO 3	24
ANÁLISE DOS IMPACTOS ECONÔMICOS NAS MACRORREGIÕES BRASILEIRAS DOS ACORDOS DE LIBERALIZAÇÃO COMERCIAL ENTRE BRASIL E CHINA	
Angélica Pott de Medeiros Daniel Arruda Coronel Reisoli Bender Filho	
DOI 10.22533/at.ed.1941914053	
CAPÍTULO 4	36
ANÁLISE FINANCEIRA E ECONÔMICA DO MUNICÍPIO DE CATALÃO-GO: UM ESTUDO DE CASO	
Márcio do Carmo Boareto Euclides Fernandes dos Reis Vanessa Bitencourth dos Santos Sara da Costa Fernandes Vagner Rosalem	
DOI 10.22533/at.ed.1941914054	
CAPÍTULO 5	44\
CARACTERIZAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO FORMAL DA AGROINDÚSTRIA BRASILEIRA NOS ANOS 2006 A 2015	
Bruna Costa de Paula Adriana Estela Sanjuan Montebello	
DOI 10.22533/at.ed.1941914055	

CAPÍTULO 6	61
COMÉRCIO EXTERIOR E POLÍTICA COMERCIAL NO BRASIL: REFLEXÕES, DESAFIOS E PERSPECTIVAS ACERCA DA INSERÇÃO INTERNACIONAL BRASILEIRA	
Tobias de Paula Lima Souza Lucas Ayres Costa	
DOI 10.22533/at.ed.1941914056	
CAPÍTULO 7	84
COMPETITIVIDADE DO SETOR AUTOMOBILÍSTICO BRASILEIRO NO MERCOSUL	
Patricia Kischner Cristiane Ivete Bugs Vione Andressa Neis Luana Rigo	
DOI 10.22533/at.ed.1941914057	
CAPÍTULO 8	96
DESENVOLVIMENTO REGIONAL EM MATO GROSSO DO SUL: UMA ANÁLISE PARA A REGIÃO SUL- FRONTEIRA NO PERÍODO DE 2000 A 2010	
Natalia Bogado Balbuena Vinícius Vasconcelos Braga Yhulds Giovani Pereira Bueno	
DOI 10.22533/at.ed.1941914058	
CAPÍTULO 9	109
DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL RURAL: ANÁLISE DA HETEROGENEIDADE SOCIOECONÔMICA NO TERRITÓRIO DAS ÁGUAS EMENDADAS	
Karina Palmieri de Almeida Clesio Marcelino de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.1941914059	
CAPÍTULO 10	123
DINÂMICA DAS COMPRAS PÚBLICAS PARA O PNAE DIRETAMENTE DO AGRICULTOR FAMILIAR: ESTUDO DE CASO EM MUNICÍPIOS DA PARAÍBA	
Jucimar Casimiro de Andrade Fernando Salvino da Silva Larissa Petrusk Santos Silva Rodolfo Donizeti C. de Albuquerque Rocha Robson José Silva Santana	
DOI 10.22533/at.ed.19419140510	
CAPÍTULO 11	141
EFEITO DA FINANCEIRIZAÇÃO SOBRE A PRODUTIVIDADE DO TRABALHO	
Luccas Assis Attílio	
DOI 10.22533/at.ed.19419140511	
CAPÍTULO 12	159
FINANCIAMENTO DO TRATAMENTO ONCOLÓGICO EM PERNAMBUCO: UMA ANÁLISE DOS HOSPITAIS PRIVADOS E PÚBLICOS DA REDE SUS	
Ivaldo Dantas de França Roseane da Silva Lemos Tiago Rafael de Sousa Nunes Maira Galdino da Rocha Pitta	

Moacyr Jesus Barreto de Melo Rêgo

DOI 10.22533/at.ed.19419140512

CAPÍTULO 13 168

GASTOS PÚBLICOS ESTADUAIS EM EDUCAÇÃO E QUALIDADE DO ENSINO MÉDIO

Francisco Antonio Sousa De Araujo

José Fernando Frota Cavalcante

Jose Maria Da Cunha Junior

Paulo De Melo Jorge Neto

DOI 10.22533/at.ed.19419140513

CAPÍTULO 14 185

IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE DOS FATORES CRÍTICOS DE SUCESSO DE GESTÃO DA PRODUÇÃO DO CAFÉ POR INDICAÇÃO GEOGRÁFICA

Luisa Amelia Paseto

Luísa Paseto

Aloísio dos Santos Espindola

Felipe Bellodi Bellini

DOI 10.22533/at.ed.19419140514

CAPÍTULO 15 199

IMPLANTAÇÃO DOS NÚCLEOS DE ECONOMIA DA SAÚDE NOS HOSPITAIS ESTADUAIS – O CASO DE PERNAMBUCO, BRASIL, 2016

Inês Eugênia Ribeiro da Costa

Roseane da Silva Lemos

Priscila Rossany de Lira Guimarães Portella

Geraldo Eduardo Vieira de Barros Puça

Ana Claudia Callou Matos

DOI 10.22533/at.ed.19419140515

CAPÍTULO 16 209

INOVAÇÃO E MUDANÇA ESTRUTURAL NA DINÂMICA CAPITALISTA: UMA ABORDAGEM EVOLUCIONÁRIA

Flávia Félix Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.19419140516

CAPÍTULO 17 225

INSTITUIÇÕES E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA ABORDAGEM INSTITUCIONALISTA

Sivanildo José de Almeida

Ricardo Lacerda de Melo

Fernanda Esperidião

DOI 10.22533/at.ed.19419140517

CAPÍTULO 18 241

INTERFACES TEÓRICO-ANALÍTICAS ENTRE ECONOMIA SOLIDÁRIA E DESENVOLVIMENTO LOCAL

Kátia de Fátima Vilela

Alair Ferreira de Freitas

Rodney Alves Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.19419140518

CAPÍTULO 19 263

O COMERCIO E A PRODUÇÃO DE CARNE EQUINA NO BRASIL

Brenda Alves dos Santos
Camila Raineri
Eleonice Aparecida dos Santos Alves
Mahara Moreira Marquez

DOI 10.22533/at.ed.19419140519

CAPÍTULO 20 275

O DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS NO PERÍODO RECENTE: 2005 -2016

Raquel Pereira de Souza

DOI 10.22533/at.ed.19419140520

CAPÍTULO 21 287

O PROGRAMA SAÚDE DA FAMÍLIA COMO INOVAÇÃO PARA REDUÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL

Ana Lígia Passos Meira
Flávia Emília Cavalcante Valença Fernandes
Saulo Bezerra Xavier

DOI 10.22533/at.ed.19419140521

CAPÍTULO 22 294

POBREZA EM SUAS MULTIDIMENSÕES: UMA ANÁLISE ECONOMETRICA DA REGIÃO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL

Ohanna Larissa Fraga Pereira
Caroline Lucion Puchale

DOI 10.22533/at.ed.19419140522

CAPÍTULO 23 307

PREVISÕES DO PREÇO DA ARROBA DO BOI GORDO: UM APLICAÇÃO DO MODELO ARIMA EM FUTUROS AGROPECUÁRIOS

Paulo Fernando Taveira Maselli
Sabrina Soares da Silva

DOI 10.22533/at.ed.19419140523

CAPÍTULO 24 318

PRINCÍPIOS AGROECOLÓGICOS E SOLIDÁRIOS NA COMUNIDADE BARRO, SERRINHA-BA: FAZENDO PESQUISA-AÇÃO COMO PROCESSO EDUCATIVO

Edeilson Brito de Souza
Glauciane Pereira dos Santos
Iaçanan Carneiro de Jesus
Carla Teresa dos Santos Marques
Heron Ferreira Souza

DOI 10.22533/at.ed.19419140524

CAPÍTULO 25 332

REDUÇÃO DE CUSTOS NO SETOR DE NUTRIÇÃO DE UM HOSPITAL REGIONAL A PARTIR DA INTERVENÇÃO DO NÚCLEO DE ECONOMIA DA SAÚDE

Bruna Maria Bezerra de Souza
Angélica Barbosa Arruda Patriota
Inês Eugênia Ribeiro da Costa
Roseane da Silva Lemos

CAPÍTULO 26 338

REGULAÇÃO E PERCEPÇÃO DA QUALIDADE E CONSUMO DO QUEIJO DE COALHO ARTESANAL NO AGRESTE DE PERNAMBUCO

Girleno Costa Pereira

DOI 10.22533/at.ed.19419140526

CAPÍTULO 27 354

SISTEMAS DE INFORMAÇÃO DA ATENÇÃO PRIMÁRIA: TEMPO GASTO E NECESSIDADE NA PERCEPÇÃO DOS ENFERMEIROS

Jobson Maurilio Alves dos Santos

Flavia Emilia Cavalcante Valença Fernandes

Mayra Cavalcante do Nascimento

Milena Souza dos Santos

Palloma Lopes de Arruda

Rafaela de Oliveira Xavier

Rosana Alves de Melo

DOI 10.22533/at.ed.19419140527

CAPÍTULO 28 361

SUSTENTABILIDADE EM AGROINDÚSTRIAS: ALTERNATIVAS PARA EVITAR O DESPERDÍCIO DE RESÍDUOS AGROINDUSTRIAIS DO PEDÚNCULO DE CAJU - UMA REVISÃO DE LITERATURA

Wesley Fernandes Araújo

Lindalva de Moura Rocha

Inês Maria de Souza Araújo

Gabriela Almeida de Paula

Leanne Silva de Sousa

Matheus Fernandes Folha

Luciano Borges da Rocha Filho

Reijaner Vilanova Araújo

DOI 10.22533/at.ed.19419140528

CAPÍTULO 29 383

COMPARAÇÃO DE ORÇAMENTOS ENTRE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO CIVIL CONVENCIONAIS E NÃO CONVENCIONAIS DE UM PROJETO DE RESIDÊNCIA OFERECIDO PELA COHAB DE SANTA CATARINA COM APLICAÇÃO NA REGIÃO DE RIO-MAFRA

Eduardo Francisco Pimentel

Olaf Graupmann

DOI 10.22533/at.ed.19419140529

SOBRE A ORGANIZADORA..... 397

PRINCÍPIOS AGROECOLÓGICOS E SOLIDÁRIOS NA COMUNIDADE BARRO, SERRINHA-BA: FAZENDO PESQUISA-AÇÃO COMO PROCESSO EDUCATIVO

Edeilson Brito de Souza

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Baiano Campus Serrinha
Serrinha - Bahia

Glauciane Pereira dos Santos

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Baiano Campus Serrinha
Serrinha - Bahia

Iaçanan Carneiro de Jesus

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Baiano Campus Serrinha
Serrinha - Bahia

Carla Teresa dos Santos Marques

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Baiano Campus Serrinha
Serrinha - Bahia

Heron Ferreira Souza

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Baiano Campus Serrinha
Serrinha - Bahia

RESUMO: O trabalho de pesquisa-ação buscou compreender em que medida a dinâmica das relações sociais e produtivas no âmbito da Associação Comunitária do Barro, município de Serrinha, refletem os avanços das políticas públicas voltadas para a agricultura familiar e seus paradigmas orientadores a partir do Governo Lula, principalmente - economia solidária e agroecologia. Adotou-se

a pesquisa-ação entendida como “um modo de pesquisa, uma forma de raciocínio e um tipo de intervenção” (THIOLLENT, 1986), cujas etapas (diagnóstico, planejamento, execução e avaliação) caracterizam a complexidade do processo de conhecer a realidade e os sujeitos, projetar uma ação, desenvolvê-la, acompanhá-la, identificar os sentidos a ela atribuído, avaliá-la e perceber os desdobramentos futuros (EL ANDALOUSSI, 2004; DIONNE, 2007). As ações realizadas indicaram um processo de fortalecimento do sentido de grupo, construção de autonomia e reflexão crítica sobre os sentidos de viver e produzir no campo. O processo de fazer a pesquisa e a ação constituiu-se como uma prática educativa calcada na troca de saberes, diálogos, problematizações, (auto) formação para os sujeitos envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: Economia Solidária, Agroecologia, Pesquisa-Ação.

ABSTRACT: The research-seeking work sought to understand how once social and productive relations took place within the Barro Community Association, the municipality of Serrinha, reflected on the advances of policies aimed at a family agriculture and its paradigms guiding to from the Lula Government, mainly - solidary economy and agroecology. Action research was adopted as a mode of research, a form of reasoning and a type of intervention

(THIOLLENT, 1986), the process of diagnosis, planning, execution and evaluation. reality and subjects, design an action, develop it, follow it up, identify the meanings assigned to it, evaluate and unfold the futures (EL ANDALOUSSI, 2004; DIONNE, 2007). The operations were indicated by a process of strengthening the sense of group, the construction of a strategy of reasoning and the criticism about the senses of living and producing in the field. The process of investigation and action is an educational practice in the exchange of knowledge, dialogues, problematizations, (self) formation for the children involved.

KEYWORDS: Solidary Economy, Agroecology, Action Research.

1 | INTRODUÇÃO

O crescimento econômico brasileiro e as conseqüentes transformações no campo desde meados do Século XX, sob a égide da industrialização da agricultura e da “modernização conservadora” e “dolorosa” (SILVA, 1982; 1981), mantiveram os padrões desiguais de reprodução social e econômica no campo brasileiro e intensificaram os processos de exclusão e concentração da renda da terra.

Deste modo, os avanços modestos percebidos nos últimos anos nas políticas agrárias e agrícolas, porém de grande significado histórico, demonstram o deslocamento das concepções políticas calcadas “na guerra dos lugares” (SANTOS, 2004), ou na visão neoliberalista de responsabilização dos sujeitos sociais pelo seu fracasso, para o entendimento do papel ativo do Estado e dos processos democráticos na concepção, estruturação e avaliação das políticas públicas.

É nesse sentido que, diante da Política de Desenvolvimento Territorial, dos avanços em torno das discussões e políticas voltadas ao fortalecimento da Economia Solidária, assim como da Agroecologia, faz-se necessário entender e analisar como tais discussões têm se materializado em Territórios Rurais / da Cidadania fortemente marcados por altos índices de desigualdades sociais, econômicas e educacionais, principalmente no meio rural.

Dessa forma, a potencialidade de análise dessas questões no Território de Cidadania do Sisal deve-se exatamente a este concentrar, desde o início da implantação dos territórios rurais na Bahia, os maiores indicadores de baixo desenvolvimento humano e social do estado. Não por acaso, o Território do Sisal constituiu historicamente uma forte base de organização social e movimentos sociais que lutam pelos direitos dos sujeitos do campo.

No entanto, considerando as falhas nos processos de execução das políticas, especificamente no que tange aos valores e princípios dos sujeitos executores da política e a disponibilidade dos recursos, nem sempre o concebido reflete o vivido (GIOVANNI, 2009). De forma recorrente, esses aspectos supracitados têm desencadeado, em várias circunstâncias e contextos, políticas coerentemente concebidas e elaboradas, mas com fraco efeito propulsor de mudanças substanciais, uma vez que os aspectos

da dependência, sobretudo cultural, não são rompidos.

Nesse sentido, buscamos problematizar em que medida a dinâmica das relações sociais e produtivas no âmbito da Associação Comunitária do Barro, município de Serrinha, refletem os avanços das políticas públicas voltadas para a agricultura familiar e seus paradigmas orientadores a partir do Governo Lula, principalmente - economia solidária e agroecologia. A problematização proposta leva-nos a compreender os processos sociais para neles intervirmos de forma participativa e democrática, tomando como elementos cruciais os princípios da economia solidária e da agroecologia.

A pesquisa-ação assumida neste trabalho como processo educativo pautou-se no exercício reflexivo, dialógico, problematizador e formativo dos sujeitos-autores - professores, estudantes, agricultores - buscando romper com as subjetivações (valores e práticas) que alicerçam as formas de “dependência” (cultural, econômica, política, tecnológica) e obstaculizam a “libertação” e “criatividade” dos homens, mulheres e jovens do campo (FREIRE, 1980; FURTADO, 2008, 1984)

2 | METODOLOGIA

A pesquisa está delineada como pesquisa-ação uma vez que a perspectiva crítico dialética está fortemente atrelada à ação, a prática. Não apenas objetiva-se descrever e explorar o objeto de estudo no sentido de fazer um profundo levantamento de características das populações, das coletividades, mas permitir que os homens e mulheres do campo reflitam sobre sua vida e sejam protagonistas de seu projeto de vida, o que exige mudança de valores, percepção crítica das políticas em curso e dos sentidos atribuídos ao viver e produzir no campo. Para Thiollent:

[...] a pesquisa ação é um tipo de investigação social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativo (1994, p. 14).

A pesquisa-ação é entendida como “um modo de pesquisa, uma forma de raciocínio e um tipo de intervenção” (THIOLLENT, 1986), cujas etapas caracterizam a complexidade do processo de conhecer a realidade e os sujeitos, projetar uma ação, desenvolvê-la, acompanhá-la, identificar os sentidos a ela atribuído, avaliá-la e perceber os desdobramentos futuros (EL ANDALOUSSI, 2004; DIONNE, 2007).

Considerando o pressuposto metodológico adotado, fortemente calcado na participação ativa dos sujeitos da pesquisa (homens, mulheres e jovens do campo), na problematização e no diálogo, adotamos como ferramenta de diagnóstico as rodas de conversas por possibilitarem:

“encontros dialógicos, criando possibilidades de produção e ressignificação de sentido – saberes – sobre as experiências dos partícipes. Sua escolha se baseia na

horizontalização das relações de poder. Os sujeitos que as compõem se implicam, dialeticamente, como atores históricos e sociais críticos e reflexivos diante da realidade. Dissolve-se a figura do mestre, como centro do processo, e emerge a fala como signo de valores, normas, cultura, práticas e discursos” (SAMPAIO et al, 2014, p. 1301).

A segunda etapa, planejamento das ações, teve como objetivo apresentar aos sujeitos-autores a sistematização dos dados do diagnóstico, problematizando a relação direta entre os pontos levantados como problemas da comunidade e os princípios da economia solidária e agroecologia. O exercício fundamentou-se na necessária participação radical à dinâmica de pesquisa-ação, em que os agricultores e as agricultoras não foram vistos como informantes, objeto, mas assumiram o caráter colaborativo de “saber pensar e intervir juntos” (DEMO, 2004).

De modo geral, dentre os pontos centrais do diagnóstico problematizados pelos e com os sujeitos-autores foi evidenciada a questão do conflito na associação que, embora seja inerente à ação humana, pode se constituir em problema se não for garantida a dialogicidade e o caráter formativo do pensar diferente e da busca pelo “consenso” no que fazer. Tal problemática, nos remete à “ação dialógica” de Paulo Freire como possibilidade de desconstrução e construção de novos saberes a partir da problematização das diferentes esferas comunitárias - valores, saberes e práticas (GOES, 2018).

Com isso, buscou-se tencionar nos sujeitos a pactuação de ações voltadas às causas dos problemas e não as consequências, isto é, focar na questão de entrave da dinâmica social. Em geral, os sujeitos tendem a visibilizar mais no diagnóstico questões imediatas e de caráter mais instrumental. Desta forma, o desafio de mediação na projeção das ações foi problematizar o caráter instrumental (sentido prático-econômico para os sujeitos) sem perder de vista a questão central, em geral de cunho mais substantivo (na perspectiva weberiana, relacionado aos valores, pensamentos, subjetividades). Ao buscar garantir que as ações dessem conta desses dois aspectos fortalecemos a confiança entre os/as agricultores/as e os pesquisadores em ação.

A etapa de execução das ações foi pensada para iniciar com as oficinas. No entanto, a avaliação da pesquisa-ação demonstrou o risco de poucos efeitos de retroalimentação. Embora estivessemos pactuado a ação coerente com o caráter instrumental e substantivo do problema de ação, o que nos inquietava era a capacidade das oficinas contribuírem a curto prazo com a dimensão substantiva.

Deste modo, retomou-se o diálogo com os sujeitos-autores, propondo a realização de intercâmbios, antes das oficinas. Estas só foram efetivamente definidas a partir da avaliação dos desdobramentos dos intercâmbios para os sujeitos envolvidos e da realização das visitas guiadas. Estas visitas foram pensadas como forma de conhecer melhor o contexto sócio-produtivo da comunidade, identificar práticas de base agroecológica, potencialidades e fragilidades dos sujeitos envolvidos no processo - saberes tradicionais, uso de tecnologias sociais, dependência de insumos externos,

agricultor(a) experimentador(a), troca de saberes, dentre outros - e aproximar mais os sujeitos-pesquisadores-extensionistas dos sujeitos-autores.

Diante dos dados construídos, diálogos estabelecidos e mobilização dos agricultores e agricultoras durante as visitas, conseguimos repactuar a proposta de realização das oficinas e suas respectivas temáticas: armazenamento e conservação das sementes crioulas, biofertilizantes e bioinseticidas, manejo agroecológico do solo e autogestão do banco de sementes.

Durante todo o processo foram feitos momentos de avaliação entre os pesquisadores-extensionistas ou destes com os/as agricultores/as. Esses momentos de auto-reflexão sobre a pesquisa-ação permitiram repensar, redimensionar e retroalimentar o processo em curso. O caráter criativo da pesquisa-ação pela garantia da “pesquisa para a ação”, da “pesquisa com a ação” e da “pesquisa sobre a ação” está estritamente relacionado ao cuidado atribuído à avaliação desde o ponto inicial (partida) ao ponto final (chegada) do trabalho.

3 | RESULTADOS

O trabalho desenvolvido proporcionou aos associados refletirem sobre o fazer cotidiano (trabalho, organização social, unidade de produção familiar) e seus reflexos positivos ou negativos aos processos sociais locais. Portanto, à medida que os próprios associados refletiam suas práticas e valores, problematizamos outras possibilidades e sentidos ao fazer. Com isso os princípios agroecológicos e econômico-solidários foram mobilizados a fim de evidenciar outras possibilidades no contexto de complexidade da vida na contemporaneidade, sobretudo no meio rural.

Essa leitura está centrada na abordagem de modos de vida cujo elemento central são as pessoas, suas percepções de mundo e sua capacidade criativa de reprodução da vida. Portanto, não consiste em imposição utópica ou mesmo deslocada das condições objetivas, mas figura-se como “ação instrumental – ganhar a vida –, para uma ação hermenêutica – dar sentido à vida – e para uma ação emancipatória – desafiar as estruturas através das quais se ganha a vida” (SCHMITT, 2010, p. 42 apud BEBBINGTON, 1999, p. 2).

Diante dos resultados apresentados pelo diagnóstico, apresentamos os pontos centrais: a) percepção de forte individualismo dos associados e agricultores de modo a inviabilizar processos coletivos e auto-organizativos; b) tendência de produção agrícola com foco nos princípios agroecológicos, especificamente ao que concerne ao não uso de agrotóxicos; e c) necessidade de fortalecer/potencializar a produção de base agroecológica por meio de processos formativos com os agricultores.

Como observado no diálogo com os agricultores e agricultoras, a visão deles(as) em torno da produção orgânica se constitui mais pela visão da saúde (segurança alimentar) do que pela visão integrada de ambiente na qual o ser humano é também elemento do sistema. Perigo fortemente perceptível no fortalecimento do discurso

da agricultura orgânica, em que o consumo de produto sem agrotóxico não torna necessariamente o(a) agricultor(a) não dependente de pacote tecnológico, apenas muda-se o conteúdo desse pacote.

Além disso, as percepções dos sujeitos não estavam claramente orientadas para a autogestão da unidade produtiva [à medida que se rompe com a dependência externa dos insumos e investe-se na produção interna de insumos], também não se percebia o autoconsumo como rendimento não-monetário [visto que libera recurso familiar para outras necessidades básicas], muito menos entendia-se a articulação produtiva dos sujeitos do campo como uma estratégia fundamental para a autossustentação, autonomia e emancipação individual e coletiva dos(as) agricultores(as). Principalmente os dois primeiros pontos são parcialmente perceptíveis na comunidade, coexistindo com seu oposto.

A seguir, apresentaremos algumas ações realizadas e seus efeitos avaliados pelos próprios sujeitos envolvidos.

3.1 PERCEPÇÕES A PARTIR DOS INTERCÂMBIOS

3.1.1 Intercâmbio ao Sistema de Produção Agroecológica Integrada e Sustentável (PAIS)

Realizou-se o primeiro intercâmbio, onde os agricultores da comunidade Barro foram para o IF Baiano *Campus* Serrinha visualizar as experiências produtivas desenvolvidas pelos estudantes do Campus (Fig. 1). A principal tecnologia apresentada aos agricultores foi o sistema PAIS, para que eles conhecessem esta tecnologia e no decorrer do projeto, pensar na possibilidade de implantação dessa tecnologia na comunidade, conforme o contexto local.



Figura 1: Intercâmbio ao Sistema PAIS.

Os(as) agricultores(as) reagiram positivamente frente a esta tecnologia que eles não conheciam, despertando assim o desejo de implantação dela na comunidade, como estratégia de fortalecimento dos laços solidários.

Destaca-se aqui a importância que as plantas medicinais tiveram para o grupo de mulheres que participaram. O diálogo de saberes sobre o uso das plantas medicinais fomentou a troca de mudas e sementes entre as mulheres, daquilo que elas têm em casa, além de perceberem o uso dessas plantas também como defensivo natural, que segundo Resende e Souza (2014) podem ser utilizadas como repelentes para eliminação/afastamento de “pragas” e doenças.

As plantas medicinais exercem na maioria da vezes efeitos alelopáticos benéficos na produção, principalmente em hortaliças. Como cita Machado e Filho (2014, p. 222), “atualmente, considera-se que as relações alelopáticas podem ser antagônicas ou favoráveis. Neste último caso, as plantas envolvidas são chamadas plantas companheiras”. Assim seus efeitos podem se manifestar como repelente de pragas e beneficiando com a maior diversidade, “quanto maior a diversidade de organismos do solo que ocupam os sistemas agrícolas, maior será a quantidade de inimigos naturais” (ALTIERE, 2012, p. 305).

3.1.2 Intercâmbio à comunidade Canto

O segundo intercâmbio foi para a comunidade Canto (vizinha a comunidade do Barro) devido a seu histórico de mobilização e organização social, função social da associação comunitária e tecnologias sociais implantadas. Foi feita uma roda de conversa em que uma agricultora da associação relatou a trajetória da associação, seus desafios e conquistas, focando na importância de pensar o coletivo. Em alguns momentos os participantes da comunidade do Barro faziam inferências reconhecendo suas especificidades contextuais, limitações e necessidades enquanto associação.



Figura 2: Intercâmbio ao Banco de Sementes.

Fonte: Acervo do projeto.

Também foi apresentado o banco de sementes da comunidade Canto, destacando a importância que ele teve na garantia da segurança alimentar de famílias quando ainda não havia políticas voltadas ao desenvolvimento da agricultura familiar. Essa troca de experiência agricultor a agricultor foi e é extremamente importante para a socialização de saberes, práticas e a reflexão sobre as condições objetivas de construção de possibilidades.

Diante dessa atividade, os participantes saíram provocados diante dos benefícios que um banco de sementes pode trazer para a comunidade. Embora vários agricultores do Barro tenham relatado que têm sementes crioulas, perceberam e externar quão importante pode ser um banco de sementes comunitário, inclusive como forma de aproximação dos agricultores não associados.

Os bancos de sementes favorecem a garantia da biodiversidade, evitando a erosão genética vegetal e a propagação de doenças; contribuem com a autonomia econômica dos agricultores que estão menos dependentes de insumos externos; possibilitam, no caso dos bancos comunitários, a troca de sementes entre agricultores.

Esses bancos de sementes trabalham com variedades crioulas que são passadas de geração a geração, geneticamente mais heterogêneas do que as cultivares modernas e mais resistentes e adaptadas às condições ambientais locais (ALTIERI, 2012).

Com o avanço do modelo convencional de produção agrícola, a perda genéticas das sementes crioulas está em constante crescimento, assim como sua substituição por sementes híbridas e transgênicas que aumenta a dependências dos agricultores dessas sementes. Diante disso, a preservação das sementes crioulas são cada vez mais necessária, evidenciando sua importância para os agricultores familiares bem como para a agroecologia. Por isso o banco de sementes comunitária é uma tecnologia

que possibilita a preservação dessas sementes de forma autogestionada.

Ambos os intercâmbios, tiveram pontos norteadores de discussão cujo foco foi o trabalho coletivo, a solidariedade, a troca de saberes e a agroecologia. A avaliação das atividades pelos sujeitos da comunidade do Barro evidenciou que tais ações permitiram a eles e elas problematizar sua realidade olhando outras realidades, não no sentido de comparação do que deveriam ter feito ou onde deveriam ter chegado, mas percebendo a partir do contexto específico deles o que reconhecem como fragilidades, potencialidades e possibilidades.

Os intercâmbios também permitiram aliar teoria e prática, à medida que os sujeitos tiveram oportunidade de visualizar as técnicas/processos apreendidos durante os diversos momentos de troca de saberes e construção do conhecimento, possibilitando a re-significação de determinadas práticas (GONÇALVES, 2018).

Após o intercâmbio à comunidade Canto, os agricultores iniciaram a discussão sobre a construção de um banco comunitário, mostrando assim a eficácia do intercâmbio quanto a problematização da realidade, uma vez que os próprios agricultores avaliaram a construção do banco como estratégia de dinamização das relações sociais na associação, fortalecimento dos vínculos sociais e potencialização da preservação de sementes crioulas.

3.2 PERCEPÇÕES A PARTIR DAS VISITAS

Foram realizadas visitas às propriedades dos agricultores da comunidade Barro (Fig. 3 e 4) com o intuito de analisar os aspectos produtivos, a relação dos sujeitos com a terra, a natureza e o semiárido, identificando problemas e potencialidades que serviram como embasamento para proposição das intervenções com as oficinas.



Figura 3: Coleta de informações numa horta.

Fonte: Autores



Figura 4: Visita a uma das propriedades.

Fonte: Autores

Os sujeitos envolvidos no projeto que trabalham com agricultura destacaram a necessidade de potencializar e compartilhar os saberes e fazeres em torno da produção sustentável, mesmo reconhecendo os desafios relacionados à valorização dos produtos nos circuitos curtos de comercialização.

Esta comunidade apresenta um potencial enorme de produção de base agroecológica, visto que os agricultores produzem hortaliças orgânicas. Há também, muitas espécies de plantas, como as medicinais e aromáticas, que poderiam ser utilizadas para controle biológico na produção. Como afirma Altieri (2012, p. 305-307), é importante a utilização do controle biológico, pois aumentando a biodiversidade dos sistemas produtivos, acima e abaixo do solo, para defesa dos cultivos, estes se tornaram tolerantes a insetos e doenças, melhorando a fertilidade do solo e a produtividade das lavouras.

Com base nesses resultados, foram traçados um planejamento de oficinas temáticas como armazenamento e conservação das sementes crioulas, biofertilizantes e bioinseticidas, manejo agroecológico do solo e, concluiu-se o projeto com a oficina de autogestão do banco de sementes.

Justifica-se tal delineamento pela própria concepção de agroecologia enquanto ciência, política e modo de vida, isto é, a agroecologia não é um pacote tecnológico a ser transferido, mas saberes e fazeres que precisam ser apreendidos, experienciados, testados, adequados aos contextos, apropriados pelos sujeitos e continuamente re-significados.

A experimentação, o reconhecimento de saberes populares e tradicionais e a troca desses saberes entre os próprios agricultores são os desafios e ao mesmo tempo as práticas necessárias à potencialização do envolvimento dos sujeitos em torno de outro projeto de comunidade e de associações calcadas na solidariedade, no diálogo e na construção coletiva. Em certa medida as visitas permitiram estabelecer esses momentos de diálogo e desierarquização do saber, a partir do reconhecimento dos agricultores e agricultoras como sujeitos de saberes e fazeres, cujas problematizações e questionamentos constituíram pedagogicamente como momentos de troca de experiências, saberes e práticas. Os resultados dessas vivências foram percebidas durante as oficinas, em que os sujeitos sentiam-se confiantes para falar suas experiências, experimentações, problematizar e des-re-construir percepções, visões de mundo e práticas.

3.3 PERCEPÇÕES A PARTIR DAS OFICINAS

Durante as oficinas houve uma participação efetiva dos agricultores(as) da comunidade numa construção dialógica dos saberes. A participação é uma esfera que, segundo Weyh (2018), é capaz de construir novas relações, não somente no sentido de colaborar com algo, mas de participar efetivamente e ativamente do processo, sendo essencial para as práticas educativas entre os sujeitos.

Tendo em vista a participação coletiva dos membros da comunidade na construção de um espaço mais sustentável, tanto ambientalmente como socialmente, foram realizadas as oficinas temáticas propondo discutir melhorias para a comunidade por meio da construção dos saberes agroecológicos e solidários.



Figura 5: Oficina temática na associação da comunidade

Fonte: Acervo do Projeto

Durante as oficinas foram abordadas temáticas como: conceitos, usos, importância e formas de armazenamento das sementes crioulas, com o intuito de instigar a formação do banco de sementes; biofertilizantes e bioinseticidas como estratégia da substituição dos agrotóxicos fomentando práticas agroecológicas de produção; práticas agroecológicas de manejo do solo como adubação orgânica, cultivos com cobertura, erosão, trofobiose, além da discussão sobre transição agroecológica e o papel da agroecologia na construção da autonomia dos agricultores familiares; por fim, a culminância do projeto se deu com a formação do banco de sementes na última oficina.

Ao final das últimas oficinas, evidenciou-se nos agricultores a sensibilização quanto às questões que tange a produção agroecológica e o fortalecimento dos laços solidários da comunidade. Os próprios agricultores(as) mobilizaram-se para iniciar um sistema de troca de produtos agrícolas entre si. Além disso, projetaram a promoção de feiras mensais com esses produtos na própria associação da comunidade, fomentando a geração de renda e solidariedade entre os(as) agricultores(as) da localidade.

Além das trocas solidárias de produtos e a feira da agricultura familiar na associação, os agricultores da comunidade propuseram reunir-se com certa periodicidade para trocarem experiências produtivas entre si, no sentido de suscitar a melhoria das práticas agrícolas da comunidade.

Essas trocas de conhecimentos configuram-se como espaços-tempos formativos que tencionam a liberdade dos sujeitos, a autonomia, a solidariedade e o fortalecimento da cooperação em torno de um projeto coletivo emancipatório.

Além disso, os sujeitos-autores se mostraram motivados e engajados na continuidade das ações a partir da Associação Comunitária, o que revelou um movimento no sentido de mudança social.

A mudança social é entendida aqui como reflexo do envolvimento crítico-reflexivo

dos sujeitos e enfrentamento dos problemas. De modo geral, foi possível perceber que os processos formativos tendo os princípios agroecológicos e solidários como pilares proporcionaram o rompimento do imobilismo dos sujeitos diante da realidade vivida, à medida que problematizavam, des-re-construíam valores, práticas, saberes e projetavam-se no pensar as possibilidades coletivamente.

Isso ficou evidente quando os(as) agricultores(as) expressaram a necessidade de construção de uma feira agroecológica na própria comunidade como alternativa de valorização dos produtos locais e indiretamente fortalecer os laços entre eles. Esse sentimento de pertencimento de grupo, essa “[...] relação solidária entre eles, não importam os níveis reais em que se encontrem como oprimidos, implica também a consciência de classe” (FREIRE, 1993, p. 173).

Portanto, não somente as oficinas, mas cada ação desenvolvida mostrou-se de fundamental importância no fomento dos laços solidários e das práticas agroecológicas da comunidade, conduzindo os sujeitos-autores a construir uma visão mais autônoma e holística acerca dos problemas e potencialidades existentes na comunidade, propondo de forma autogestionada espaços de diálogos e ações que atendessem ao pensamento coletivo.

4 | CONCLUSÃO

O trabalho desenvolvido buscou compreender as percepções e vivências dos sujeitos do campo em torno da associação e das relações de trabalho no campo e o quanto isso reflete os avanços das políticas públicas voltadas à agricultura familiar, principalmente ao que tange a economia solidária e a agroecologia.

Os aspectos diagnosticados evidenciaram fragilidades dos laços associativos, visão fortemente assistencialista e individualista, mas também sinalizou pontos importantes como possibilidade de abertura ao diálogo, percepção dos efeitos nocivos dos agrotóxicos e vontade de “dar sentido à vida” a partir do campo.

Desse modo, o enlace entre a agroecologia e a economia solidária, cujos princípios permeiam as esferas sociais da vida, permitiram pensar a sustentação econômica (ganhar a vida) sob um olhar mais crítico e complexo, demonstrando iniciativas importantes no sentido de desestabilizar as velhas estruturas da dependência econômica e cultural. É dando sentido à vida e desafiando o instituído que se ressignifica o econômico (SCHMITT, 2010).

Diante das atividades desenvolvidas na comunidade, percebeu-se que os(as) agricultores(as) problematizaram as experiências e princípios da agroecologia, economia solidária e associativismo, discutidos ao longo do projeto, a partir da pesquisa-ação.

Buscou-se fomentar durante a execução das ações o diálogo entre os próprios sujeitos da comunidade no tocante a troca de saberes sobre as práticas de cunho agroecológico que já são desenvolvidas e potencializou a necessidade de fortalecer

não apenas a técnicas de conservação do solo, controle de insetos e doenças com uso de biofertilizantes e bioinseticidas, mas também as outras dimensões da agroecologia em sua interface com a economia solidária: o envolvimento, a construção coletiva (banco de sementes comunitário, por exemplo), o compartilhamento de saberes, a solidariedade, o comércio justo e solidário através da valorização dos produtos de base agroecológica.

As atividades como intercâmbios de experiências, diagnósticos e intervenções, mostraram-se como criativos espaços de aprendizado e construção coletiva do saber na prática, onde os sujeitos envolvidos puderam experimentar e perceber que tais aspectos e práticas realmente produzem resultados e são importantes na construção do conhecimento, não somente para os agricultores, mas também para os pesquisadores envolvidos no projeto.

Portanto, o projeto apresentou efeitos positivos nos sujeitos envolvidos, no sentido de instigar e problematizar o viver e produzir no campo pelo reconhecimento da importância dos princípios agroecológicos e da economia solidária, cuja continuidade do processo poderá intensificar o saber-fazer, o fazer-saber contextualizado com a dinâmica da convivência com o semiárido e princípios agroecológicos, a troca de saberes entre os agricultores e o fortalecimento dos laços e cooperação entre os/as agricultores/as e sujeitos do campo.

Nessa caminhada conjunta enquanto sujeitos-autores aprendemos no ato criativo de fazer pesquisa-ação que a construção coletiva é importante pois: “[...] reeduca todos os sujeitos e atores envolvidos. Envolve postura e atitude diante do mundo e do homem [mulher], que é diferente um do outro com suas culturas e crenças”. Dessa forma os sujeitos educam-se mutuamente (GÓES, 2018).

REFERÊNCIAS

ALTIERE, M. A. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.

BASTOS, F. P. **Comunicação**. p. 94 e 95. In: STRECK, D. R.; REDIN, E; ZITKOSKI, J. J (orgs). **Dicionário Paulo Freire**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

DEMO, Pedro. **Pesquisa Participante: saber pensar e intervir juntos**. Brasília: Liber Livro, 2004.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação** – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3.ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. São paulo: Paz e Terra, 1993.

FURTADO, Celso. **Criatividade e dependência na civilização industrial**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2008.

_____. **Cultura e desenvolvimento** em época de crise. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1984.

GIOVANNI, Geraldo Di. **As estruturas elementares da política pública**. Cadernos de Pesquisa nº

82, Unicamp.

GÓES, M. **Conflito**. p. 98-100. In: STRECK, D. R.; REDIN, E; ZITKOSKI, J. J (orgs). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

_____. **Coletivo**. p. 91 e 92. In: STRECK, D. R.; REDIN, E; ZITKOSKI, J. J (orgs). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

GONÇALVES, L. G. **Prática/Teoria**. p. 379 e 380. In: STRECK, D. R.; REDIN, E; ZITKOSKI, J. J (orgs). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MACHADO, FILHO. **A dialética da agroecologia: Contribuições para um mundo sem veneno**. 1 ed, São Paulo: Expressão Popular, 2014.

SCHIMITT, Cláudia Job. **Economia solidária e agroecologia: convergências e desafios na construção de modos de vida sustentáveis**. IPEA, 2010.

SANTOS, B. de S.S. et al. **Produzir para viver: os caminhos da produção não-capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002a.

SANTOS, Milton. **Por Uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 6 ed. 2004.

SILVA, José Graziano. **O Novo Rural Brasileiro**. Campinas: IE/UNICAMP, 1999.

_____, **A modernização Dolorosa: Estrutura Agrária, fronteiras agrícolas e trabalhadores rurais no Brasil**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

_____, **O que é questão agrária**. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos).

SINGER, Paul. **A recente ressurreição da economia solidária no Brasil**. In: SANTOS, B. de S.S. et al. **Produzir para viver: os caminhos da produção não-capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002a.

_____, **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002b.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa ação**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2003

WEYH, C. **Mudança/Transformação Social**. p. 327 e 328. In: STRECK, D. R.; REDIN, E; ZITKOSKI, J. J (orgs). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

_____. **Participação**. p. 354 e 355. In: STRECK, D. R.; REDIN, E; ZITKOSKI, J. J (orgs). Dicionário Paulo Freire. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SOBRE A ORGANIZADORA

Jaqueline Fonseca Rodrigues – Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, PPGEP/UTFPR; Especialista em Engenharia de Produção pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, PPGEP/UTFPR; Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG; Professora Universitária em Cursos de Graduação e Pós-Graduação, atuando na área há 15 anos; Professora Formadora de Cursos de Administração e Gestão Pública na Graduação e Pós-Graduação na modalidade EAD; Professora-autora do livro “Planejamento e Gestão Estratégica” - IFPR - e-tec – 2013 e do livro “Gestão de Cadeias de Valor (SCM)” - IFPR - e-tec – 2017; Organizadora do Livro “Elementos da Economia - 1” – e “Conhecimento na Regulação no Brasil” - Editora Atena – 2018 e 2019 e Perita Judicial na Justiça Estadual na cidade de Ponta Grossa – Pr.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-319-4

